

UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA DA ORDEM VERBO-SUJEITO NO PORTUGUÊS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO NOS SÉCULOS XVIII E XIX¹

Jonathan Furtado Pedroza
(Universidade de Brasília)

RESUMO: *Este artigo apresenta uma abordagem quantitativa da ordem verbo-sujeito em construções declarativas e interrogativas do Português Brasileiro (PB) na região Centro-Oeste, nos séculos XVIII e XIX. Inicialmente, é apresentada a contextualização histórica do contato de línguas, bem como a Língua Geral Paulista, as línguas indígenas e africanas e o posterior isolamento linguístico na região. Em seguida, são revelados os pressupostos teóricos e a estrutura do corpus desta pesquisa. Posteriormente, os dados da abordagem quantitativa da ordem verbo-sujeito são elencados, sendo distribuídos em 5 classes, de acordo com a respectiva característica da construção.*

PALAVRAS-CHAVE: *linguística histórica; séculos XVIII e XIX; ordem verbo-sujeito; língua portuguesa; Centro-Oeste brasileiro; abordagem quantitativa.*

1. Introdução

O objetivo geral desta pesquisa é fazer um levantamento quantitativo das características dos sujeitos pós-verbais em construções declarativas e interrogativas² do Português Brasileiro (PB) na região Centro-Oeste, nos séculos XVIII e XIX, com o intuito de formar um *corpus* histórico para futuras abordagens comparativa e qualitativa.

Para estruturar este artigo, na Seção 2 será apresentada a contextualização histórica do contato de línguas no Centro-Oeste brasileiro, nos séculos XVIII e XIX. Neste tópico, serão

1 Artigo elaborado, no 2º semestre de 2010, como requisito parcial da disciplina Projeto de Curso, do curso de Letras – Português da Universidade de Brasília (UnB), sob orientação da Profª. Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati.

2 As orações interrogativas que compõem o *corpus* desta pesquisa aparecem no discurso indireto.

analisadas, dentro do escopo deste trabalho, a Língua Geral Paulista, as línguas indígenas e africanas e o posterior isolamento linguístico na região.

A Seção 3, por sua vez, trará a definição, a função, os requisitos e a classificação de um *corpus*. Além disso, nesse tópico serão apresentados a estrutura do *corpus* da presente pesquisa e um breve relato do Jornal Matutina Meyapontense – fonte do *corpus* deste artigo.

A abordagem quantitativa da ordem verbo-sujeito será revelada na seção 4, em que os dados serão apresentados e distribuídos em 5 classes [(I) Oração com adjunto adverbial na posição pré-verbal, com quatro subclasses – (I') oração com verbo transitivo direto, (I'') oração com verbo transitivo indireto, (I''') oração com verbo inacusativo e (I'''') oração com verbo “Ser/Estar”; (II) Oração sem adjunto adverbial na posição pré-verbal; (III) Oração com pronome relativo na posição pré-verbal; (IV) Oração com conjunção na posição pré-verbal; (V) Oração com verbo “dizer” na posição pré-verbal], de acordo com a respectiva característica.

A seção 5, por fim, trará as conclusões acerca desta pesquisa.

2. Contextualização histórica: contato de línguas no Centro-Oeste brasileiro nos séculos XVIII e XIX

O estudo do contato de línguas no Centro-Oeste brasileiro deve partir, primeiramente, da análise do Tratado de Tordesilhas, a fim de facilitar o entendimento da formação do processo linguístico na região. Em seguida, faz-se necessário evidenciar a ação dos bandeirantes paulistas na incorporação de terras espanholas aos domínios portugueses, o surgimento da Capitania de Goiás e, por fim, o descobrimento de ouro na porção central do Brasil.

Segundo Chaim (1974 :15), o Tratado de Tordesilhas foi um acordo celebrado entre as Coroas espanhola e portuguesa, em 1494, que disciplinava o domínio do chamado Novo Mundo. Esse pacto estabelecia que as terras situadas a oeste de uma linha imaginária pertenceriam aos espanhóis e as que estavam a leste aos portugueses. Se fosse nos dias atuais, essa fronteira estaria limitada ao norte em Belém (PA) e ao sul em Laguma (SC) (Anexo I).

Diante dos limites estabelecidos pelo Tratado, percebe-se que o território pertencente ao atual Estado do Goiás ficaria situado em sua maior parte em terras que seriam espanholas. Entretanto, Chaim (1974: 15) revela que, no início do século XVIII, os bandeirantes paulistas incorporaram essas terras aos domínios portugueses, o que foi posteriormente ratificado pelo Tratado de Madri.

Em 1749, esse terreno, que desde a ação dos bandeirantes paulistas até esse ano esteve inserido à Capitania de São Paulo, tornou-se uma capitania independente. Segundo Chaim (1974: 15), a sua área correspondia aproximadamente ao atual território do Estado de Goiás, exceto em

relação ao Triângulo Mineiro, que perderia para Minas Gerais, e ao Rio das Mortes, hoje pertencente ao Mato Grosso. Cabe destacar também uma outra exceção, que por razão lógico-temporal a autora não citou, qual seja o Tocantins, desmembrado em 1988 do norte de Goiás.

Durante muito tempo essas terras ficaram esquecidas. Porém, quando, na segunda metade do século XVIII, descobriu-se ouro no local, a Capitania de Goiás tornou-se alvo de uma forte imigração. Chaim (1974: 22-25) relata que os garimpeiros e exploradores encontraram a região povoada por “um sem número de grupos tribais pacíficos e hostis, que a cada instante embargavam-lhes os passos”. Repetia-se nesse espaço o processo ocorrido em muitos locais do Brasil no período da colonização: ocupação das terras indígenas; escravização dos grupos mais pacíficos; e choques periódicos com os hostis, sejam culturais, sejam linguísticos.

O descobrimento do ouro, bem como a expansão do bandeirismo e a catequese jesuítica, estabeleceu uma rota de penetração na região central do Brasil. Porém, conforme Palacin (1972: 18), esses ingressos não se constituíram na colonização daquele espaço; eram apenas incursões de reconhecimento das possibilidades econômicas da região, por meio da coleta de ouro e de apresamento de índios. Daí observa-se o contato de línguas entre os exploradores e os povos indígenas que habitavam a região.

Cabe, por ora, analisar os choques linguísticos entre os “brancos”, com a sua Língua Geral Paulista, e os nativos daquela região, através de seus mais variados falares, a fim de não desvirtuar a finalidade linguística desta pesquisa.

2.1 Língua Geral Paulista

A expressão “língua geral” foi inicialmente usada, pelos portugueses e espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área. Posteriormente, foi conceituada, segundo Rodrigues (1994: 99-101), como uma “língua popular, geral a índios missionados e aculturados e a não-índios”.

Segundo Rodrigues (1996: 96), o início da formação dessa Língua Geral data de 1532, com a fundação da vila de São Vicente por Martim Afonso de Souza e a consequente colonização da região Sudeste do Brasil, em pleno domínio tupi. O autor destaca, entretanto, que, antes dessa data, já havia portugueses estabelecidos entre esses povos.

O grupo de colonos trazidos por Martim Afonso de Souza para São Vicente era composto exclusivamente por homens, sendo que, somente em 1537, chegou o primeiro casal português a São Vicente. Mas, mesmo com a chegada de outros casais, o afluxo maior de colonos portugueses continuou sendo de homens sós, que passavam a viver com mulheres indígenas (Rodrigues, 1996: 96).

Essa situação fez com que surgisse uma população mestiça cuja língua materna era o tupi das mães e também de todos os parentes maternos, já que do lado dos pais, normalmente, não havia parentes consanguíneos. Por muito tempo falou-se a língua dos tupis, em que, segundo Antônio Vieira:

...ainda nesse fim do século XVII é certo que as famílias dos Portugueses e Índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola...

(Vieira 1951: 355 *apud* Rodrigues, 1996)

Com o passar dos anos, essa colonização trouxe como efeito a extinção dos índios tupis de São Paulo. A língua, dessa forma, passou a reproduzir-se essencialmente como idioma dos mestiços, mesmo quando já não mais havia indígenas (não-mestiços) nas famílias. A situação linguística dos portugueses casados com mamelucas era essencialmente a mesma das famílias formadas por mamelucos e mamelucas: falava-se correntemente a língua geral e somente o marido e, a partir de certa idade, os filhos do sexo masculino eram bilíngues em português. Borges (2008: 32) observa que a língua que falavam os paulistas já não mais servia a uma restrita sociedade indígena, mas à sociedade dos mamelucos.

Segundo Borges (2008: 32), essa língua, generalizada na população paulista de meados do século XVII a meados do século XVIII, chamou-se, em São Paulo, de Língua Geral Paulista (LGP), sendo usada pelos bandeirantes que saíam de lá para explorar as terras que hoje correspondem a Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná. Segundo Rodrigues (1994: 102), por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, penetrou essa Língua Geral em áreas onde nunca tinham chegado índios Tupi-Guarani, deixando sua marca no vocabulário popular e na toponímia das regiões exploradas.

2.2 Línguas indígenas

Segundo Chaim (1974: 52-56), as tribos indígenas encontradas em Goiás, na época das entradas e bandeiras, eram a dos Akroá, Amadu, Apinayé, Araé, Araxá, Canoeiro, Crayá, Crixá, Goya, Gradaú, Karajá, Kayapó, Kururu, Mangariruba, Tapirapé, Temesseu, Xacriabá, Xavante e Xerente. Esses índios eram falantes de línguas indígenas dos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê. Borges (2008: 33) relata que não se têm dados muito consistentes a respeito de todas essas línguas, pois o tronco Macro-Jê é ainda hipotético.

A atitude dos jesuítas e de outras ordens missionárias foi dúbia em relação à questão indígena. Se de um lado se posicionavam contra a escravização indígena, por outro os confinavam nos chamados aldeamentos cristãos, onde, através da catequese, obrigavam esses povos a abandonar

seu modo tradicional de vida, suas andanças pela mata, suas lideranças, substituindo suas crenças e cerimônias pelos ritos católicos. Confinados em populosos aldeamentos, os indígenas estavam sujeitos com mais frequência às doenças trazidas pelos brancos, como foi o caso de repetidas epidemias de varíola. Em 1562, Anchieta escreveu que 30 mil índios haviam morrido em menos de 3 meses, em decorrência de doença. (Chaim, 1974: 56)

A alta mortalidade exigia a reposição contínua dos indígenas que trabalhavam para os padres e, temporariamente, para os colonos. Os missionários adotaram uma forma de atração denominada "descimento". Seguiam para o interior e atraíam os indígenas, após convencê-los de que era melhor ficar nos aldeamentos, onde eles estariam ao abrigo dos colonos portugueses e onde se tornariam cristãos e alcançariam o céu.

Segundo Rodrigues (1994: 103), os indígenas aldeados não se tornavam escravos, mas perdiam suas tradições e eram assimilados à sociedade colonial, tornando-se, muitas vezes, aliados importantes dos portugueses, não só na repressão contra os escravos negros, mas, também, contra nações indígenas inimigas. Alguns grupos conseguiam voltar à antiga vida, mas a maioria se integrava, facilitando assim a mestiçagem que tanto marcou o povo brasileiro.

2.3 Línguas africanas

Iniciado o tráfico entre Brasil e África, já na primeira metade do século XVI, observou-se a confluência de línguas africanas com o português europeu antigo. A consequência mais direta desse contato linguístico e cultural foi a alteração da língua portuguesa na colônia sul-americana e a subsequente participação de falantes africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil. (Castro, 2007: 4)

Enquanto o século XVII e início do século XVIII representaram uma etapa de reconhecimento e análise das possíveis explorações econômicas da região Centro-Oeste, no final do século XVIII e no século XIX, estabeleceu-se a sua efetiva ocupação através da mineração, o que proporcionou o contato entre diversas línguas indígenas, de escravos e a língua portuguesa do europeu. (Borges, 2008: 34)

O descobrimento do ouro fez com que o homem se fixasse ao território goiano, lançando as bases da colonização portuguesa no Centro-Oeste. A região passou a funcionar como fornecedora de metais preciosos à metrópole, elevando, dessa forma, o afluxo de pessoas.

Segundo Mattos e Silva (2004: 36), o contingente populacional goiano no final do século XVIII (72.657 habitantes) era elevado, o qual ultrapassava em mais de vinte mil o número de habitantes da cidade de São Paulo (52.206). Contribuiu para esse resultado, além do contingente de índios (29.622, 41%), tanto nativos quanto oriundos da migração litorânea, o considerável número

de negros escravos (34.104, 47%), que, de regra, vinham acompanhar seus senhores na corrida pelo ouro.

Castro (2001: 25-48) ressalta que, entre os povos trazidos da África para a região, destacam-se, pela superioridade numérica em relação aos demais, os povos da família linguística *banto* e *kwa*, ambos de grupos linguísticos sub-saarianos. Entre os bantos, destacam-se, pela duração e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português, três povos: a) bacongo, falantes da língua quicongo, provenientes dos atuais Congo, Gabão, Zaire e Angola; b) ambundo, falantes de quimbundo, concentrados principalmente em Angola; c) ovimbundo, falantes de umbundo, localizados numa vasta região da costa oeste africana.

Em mais de três séculos de escravidão no Brasil, essas línguas africanas influenciaram a língua portuguesa em certos aspectos. De acordo com Castro (2001), no léxico, verificam-se palavras africanas incorporadas pelo português (samba, xingar, muamba, tanga, sunga, jiló, maxixe, berimbau, capanga, banguela, cachaça, cachimbo, fubá, gogó, mocotó, cuíca etc). Na fonologia, o sistema de sete vogais orais e a estrutura silábica (CV.CV) (consoante vogal.consoante vogal) do português são semelhantes às das línguas africanas. Esse tipo de aproximação casual, mas notável, provavelmente possibilitou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a, portanto, do PE, de pronúncia mais consonantal. (Borges, 2008: 38-39)

2.4 Isolamento linguístico

Segundo Borges (2008: 35), a partir do século XIX, a população da região Centro-Oeste foi reduzida progressivamente, em consequência de determinados fatores econômicos, como, por exemplo, a ausência de novas descobertas de minas de ouro. Em decorrência disso, houve uma redução da quantidade de escravos, que levaram suas línguas para outros locais do Brasil onde ainda havia extração aurífera.

Observa-se, desse modo, que um novo tipo de povoamento se estabeleceu a partir do final do século XVIII, sobretudo no sul da capitania, onde campos de pastagens naturais se transformaram em centros de criação. Borges (2008: 35) destaca que para tal expansão houve a necessidade de tomar dos índios as áreas sob seu domínio, o que acarretou o quase total desaparecimento dos falantes das línguas ameríndias.

Com o fim da mineração e o extermínio dos indígenas, houve a cessação do fluxo de bandeirantes, e sua LGP, para a região, pois estes foram buscar ouro e índios em outras localidades. Porém, em meados do século XIX, um novo tipo de povoamento do Centro-Oeste foi estabelecido através de duas vias de penetração na região: a de “cima”, originária da região Nordeste, com

criadores de gado que se espalharam pelo oeste da Bahia, através do rio São Francisco, penetrando nas fronteiras de Goiás; e a de “baixo”, originária de São Paulo, de Minas Gerais e da região Sul, que penetrou no território goiano através dos antigos caminhos da mineração, estabilizando-se no Sudoeste da capitania. (Borges: 2008: 35-36).

Além disso, a dificuldade de comunicação com as outras regiões brasileiras refletiu negativamente sobre o fluxo migratório na região. Borges (2008: 36) assevera que, devido às enormes distâncias que separavam a província dos portos do litoral e à sua pobreza para construir vias de acesso à região, Goiás e sua comunidade linguística ficaram relativamente isoladas do restante do país.

Esse isolamento linguístico – após uma intensa movimentação populacional e, conseqüentemente, linguística – torna instigante a realização de uma investigação acerca da língua portuguesa produzida na região. Dessa forma, constituiu-se um *corpus* que retrata essa língua, em particular, a ordem verbo-sujeito (VS).

3. *Corpus* linguístico

3.1 *Corpus*: definição, função, requisitos, classificação

A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta criteriosa e da exploração de conjuntos de dados linguísticos textuais com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística de determinada época.

Segundo Sardinha (2000: 16-17), para que um conjunto de dados forme, de fato, um *corpus* linguístico, é necessário que o agrupamento atenda à quatro pré-requisitos:

- (a) configuração de textos autênticos, isto é, produção textual sem o propósito de ser alvo de pesquisa linguística.
- (b) configuração de textos naturais – desenvolvidos por falantes nativos.
- (c) escolha criteriosa do conteúdo do *corpus*, seguindo as condições de autenticidade, naturalidade e aleatoriedade, além de obedecer a um conjunto de regras estabelecidas pelos seus criadores, de modo que o *corpus* coletado corresponda às características que se deseja dele.
- (d) representatividade dos dados para uma variedade linguística ou mesmo para um idioma.

Sardinha (2000: 18-20) revela que o *corpus* pode ser classificado como:

(a) Quanto ao modo:

- Falado: composto de porções de fala transcritas.
- Escrito: composto de textos escritos, impressos ou não.

(b) Quanto ao tempo:

- Sincrônico: compreende um período de tempo.
- Diacrônico: compreende vários períodos de tempo.
- Contemporâneo: representa o período de tempo corrente.
- Histórico: representa um período de tempo passado.

(c) Quanto ao conteúdo:

- Especializado: os textos são de tipos específicos (em geral gêneros ou registros definidos).
- Regional ou dialetal: os textos são provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas.
- Multilíngue: inclui idiomas diferentes.

(d) Quanto à autoria:

- De aprendiz: os autores dos textos não são falantes nativos.
- De língua nativa: os autores são falantes nativos.

(e) Quanto à finalidade:

- De estudo: o *corpus* que se pretende descrever.
- De referência: usado para fins de contraste com o *corpus* de estudo.
- De treinamento ou teste: construído para permitir o desenvolvimento de aplicações e ferramentas de análise.

3.2 *Corpus* do presente trabalho

O *corpus* desta pesquisa foi formado a partir da análise de cartas de leitores publicadas nas edições de nº1 (5 de março de 1830) a nº20 (11 de maio de 1830) do Jornal Matutina Meyapontense, objetivando retratar com a maior fidelidade possível as normas vernáculas do

Português na região Centro-Oeste do Brasil, nos séculos XVIII e XIX, a fim de se realizar uma abordagem quantitativa autêntica e natural da ordem verbo-sujeito.

Dos 39 dados encontrados de realização da ordem VS, apenas 1, qual seja o de verbo transitivo direto e indireto, não atendeu aos quatro pré-requisitos supracitados. Dessa forma, por carecer de representatividade, esse referido dado não integrou o *corpus* desta pesquisa.

Utilizando-se a categorização de Sardinha (2000), o *corpus* utilizado neste artigo pode ser classificado como: (a) quanto ao modo: escrito; (b) quanto ao tempo: histórico; (c) quanto ao conteúdo: especializado, em virtude de ter como foco apenas um único gênero, qual seja carta de leitor; e regional ou dialetal, visto serem os textos constituintes de uma variedade sociolinguística específica; (d) quanto à autoria, de língua nativa; e (e) quanto à finalidade, de estudo.

Os 38 dados que compõem o *corpus* deste trabalho foram divididos em 5 classes, conforme a característica de cada construção. As classes são as seguintes: (I) Oração com adjunto adverbial na posição pré-verbal, com quatro subclasses – (I') oração com verbo transitivo direto, (I'') oração com verbo transitivo indireto, (I''') oração com verbo inacusativo e (I'''') oração com verbo “Ser/Estar”; (II) Oração sem adjunto adverbial na posição pré-verbal; (III) Oração com pronome relativo na posição pré-verbal; (IV) Oração com conjunção na posição pré-verbal; (V) Oração com verbo “dizer” na posição pré-verbal.

A seguir apresenta-se um breve relato sobre o Jornal Matutina Meyapontense, fonte do *corpus* desta pesquisa.

3.2.1 Jornal Matutina Meyapontense

Segundo Carvalho (2000: 21), o processo de formação do Jornal Matutina Meyapontense começou em 1829, quando o comendador Joaquim Alves de Oliveira adquiriu no Rio de Janeiro uma oficina tipográfica e trouxe-a para Meya Ponte (atual Pirenópolis-GO). A partir dessa data, fundou-se a Typografia de Oliveira, publicando-se, em 5 de março de 1830, o primeiro jornal da região Centro-Oeste do Brasil e o primeiro a ser publicado fora de uma capital.

Suas características eram consideradas liberais para os moldes da época: publicava notícias defendendo os direitos humanos, a ética e a cidadania; recebia cartas com codinomes e publicava-as na íntegra; e trazia em suas edições anedotas de cunho liberal.

O Matutina Meyapontense, um marco na imprensa nacional, circulou de 5 de março de 1830 a 24 de maio de 1834, totalizando 526 edições. Com humor, liberdade e seriedade, deixou para a sociedade um legado histórico marcante do Brasil Central imperialista e distante dos grandes centros.

4. Abordagem quantitativa da ordem verbo-sujeito (VS)

A pesquisa quantitativa é basicamente definida como “o tipo de pesquisa que envolve o cálculo, manipulação ou o conjunto sistemático de quantidades de dados” (Henning, 1986: 702 *apud* Oliveira, 2003). Dessa forma, o objeto de estudo é passível de padronização, podendo ser tratado estatisticamente com o objetivo de gerar generalizações (Moita Lopes, 1994: 332).

Nessa abordagem, o pesquisador e o pesquisado são considerados independentes um do outro. O papel do pesquisador é investigar a causa de um fenômeno por meio de rigorosos e sistemáticos métodos experimentais e estatísticos, sendo que ele mesmo discute e interpreta os resultados obtidos, sem considerar a visão dos pesquisados. Nesse sentido, a pesquisa quantitativa assume uma perspectiva que considera essencialmente a visão do pesquisador (Davis 1995: 433 *apud* Oliveira, 2003).

Um outro aspecto fundamental nessa tendência é o fato de a pesquisa estar atrelada à confirmação ou não de um critério pré-determinado. Ou seja, a partir de uma concepção teórica, o pesquisador estabelece critérios a serem utilizados ao longo da investigação. A pesquisa quantitativa é caracterizada, então, pela análise dedutiva de dados (Nunan, 1992: 13 *apud* Oliveira, 2003).

A fim de sistematizar e quantificar esta pesquisa, os 38 dados que compõem o *corpus* deste trabalho foram divididos em 5 classes, conforme já dito anteriormente.

I. Oração com adjunto adverbial na posição pré-verbal (ordem: *adjunto adverbial* + *verbo* + *sujeito*)

Através da análise dos dados de ordem verbo-sujeito (VS) encontrados no *corpus*, verificou-se que a configuração pré-verbal do adjunto adverbial na oração é fator determinante para a ocorrência dessa disposição. Dos 38 dados encontrados de ordem VS, 17 estão inseridos nesta classe.

Pelo fato de as orações iniciadas por adjunto adverbial apresentarem 4 tipos de verbos, essa classe foi dividida em 4 subclasses: (I') oração com verbo transitivo direto; (I'') oração com verbo transitivo indireto; (I''') oração com verbo inacusativo; e (I''''') oração com verbo “Ser/Estar”.

I'. Oração com verbo transitivo direto

Dos 17 dados de orações com adjunto adverbial na posição pré-verbal (*adjunto adverbial* + *verbo* + *sujeito*), 7 estão inseridos nesta subclasse.

- (i) **Daqui** *poderão* os chamados Philosophos debaixo do pretexto especioso, más punivel, de instruir o povo, e fazelo melhor, *ensinar* virtudes perigosas, e das quaes elle não deve ter conhecimento. 4
- (ii) A Autor da Demanda he hum miseravel, com o Reo **naõ tem** elle amizade. 12
- (iii) Nisto **naõ tem** agora decerto razaõ os Senhores Eccleziasticos. 13
- (iv) **Naõ tem** o Sr. Redactor lido as maldades de Camamu! 17
- (v) **Como ignora** V.m. os verdadeiros fundamentos da Deliberação do Conselho Geral, tendo em seo poder as Actas por copias authenticas, e constando ellas da respectiva, que V.m. hade dar ao Prelo, quando lhe competir? 17
- (vi) **Aqui desperdiça** o Sr. Zellozo hum Latinorio(...) 18
- (vii) (...)e **ainda fazem** os Parochos illuminados(...) 18³

- Adjunto adverbial: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u> - Objeto direto: <small>subscrito</small>

I'. Oração com verbo transitivo indireto

Dos 17 dados de orações com adjunto adverbial na posição pré-verbal (*adjunto adverbial + verbo + sujeito*), 3 estão inseridos nesta subclasse.

- (viii) (...)este exemplo excitou tambem em mim o dezejo de ver transcriptas na sua interessante Folha algumas das sabias reflexões, que **em Março de 1816** *produzio* aos Olhos do Publico o Investigador Portuguez em Inglaterra por occasiaõ, da noticia da Elevação do Brazil á Cathegoria de Reino. 11
- (ix) Naõ pude continuar a ler, Senhor Redactor, por vir a noite; pode ser que **naõ** ^{me} *agradem* os pensamentos do tal Turinense como agradaraõ a hum Sexagenario(...) 15
- (x) Com que, Sr. Redactor, pelo trilho encetado, **muito mal** *servira* V.m. ao Publico, para quem, por hora, cuidou quer escrever; 17

- Adjunto adverbial: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u> - Objeto indireto: <small>sobrescrito</small>

3 Apesar de a transitividade do verbo “fazer” ser direta, o objeto nessa oração apresenta a configuração nula.

I'''. Oração com verbo inacusativo

Dos 17 dados de orações com adjunto adverbial na posição pré-verbal (*adjunto adverbial + verbo + sujeito*), 5 estão inseridos nesta subclasse.

- (xi) Com isto taõ bem podem fazer ver no povo, que Deos estando em toda aparte, e enchendo todo o Mundo, faz-se desnecessaria a peregrinaçaõ de Meca, e **nisto** *pode perigar* a nossa Crença. 4
- (xii) (...)que á elle **naõ** *poderiaõ chegar* os clamores contra a injustiça, ou Correpcões administrativas, se naõ depois de grandes males estarem já feitos(...) 11
- (xiii) **Em hum dia**, quando eu, repetia a Oraçaõ – Sacrosantae, et individuae Trinitati – *chegou* á Caza hum meu Amigo, Ministro do mesmo Culto, e notou o meu procedimento em recitar esta Oraçaõ, que elle chamou supersticioza. 14
- (xiv) **Nos Calamitosos tempos de Manoel Ignacio de Sampaio** *chegava* o Correio sempre de noite(...) 17
- (xv) (...)emquanto porem **naõ** *chega* a trovoada, hirei me divertindo com os Capitulos do Correspondencia do Sapientissimo Sr. Zeloso. 18

- Adjunto adverbial: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>
--

I'''. Oração com verbo “Ser/Estar”

Dos 17 dados de orações com adjunto adverbial na posição pré-verbal (*adjunto adverbial + verbo + sujeito*), 2 estão inseridos nesta subclasse.

- (xvi) (...)para a Salla de Docel, **onde** *estava* o Angusto Retrato de Sua Magestade O IMPERADOR(...) 1
- (xvii) Entrei em huã Casa, **onde** *estavaõ* dous Sugeitos conversando na materia. 6

- Adjunto adverbial: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>
--

II. Oração sem adjunto adverbial na posição pré-verbal (ordem: *verbo* + *sujeito*)

Dos 38 dados encontrados de ordem VS, 7 estão inseridos nesta classe.

- (xviii) Sendo livre, por este modo, a Imprensa, *appareceraõ* escriptores, que apresentaraõ factos de historia(...) 4
- (xix) *Seriaõ estimadas* as bellas artes, e fariaõ juntamente a vossa gloria, e a vossa riqueza; 11
- (xx) (...) *retirou-se* o Cidadão, deixando nas mãos de hum dos insolentes Creados huma Memoria quasi do theor seguinte(...) 11
- (xxi) (...) *subiraõ* os Autos a concluzaõ no dia 12 de Dezembro(...) 12
- (xxii) *Ignora* o Sr. Redactor o facto do Rebouças, de que fui testemunha ocular(...) 17
- (xxiii) (...) tanta compaixão *merece* sua correspondencia, como a resposta. 17
- (xxiv) (...) *apresentará* ella objectos mais interessantes. 17

- Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>

III. Oração com pronome relativo na posição pré-verbal (ordem: *pronome relativo* + *verbo* + *sujeito*)

Dos 38 dados encontrados de ordem VS, 2 estão inseridos nesta classe.

- (xxv) (...) ao **Qual** se *dirigiaõ* todos as de mostraçoes de amor e respeito devidos ao seo verdadeiro Original. 1
- (xxvi) (...) de **que** *nasciaõ* differentes refflexoens, e moralidades. 18

- Pronome relativo: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>

IV. Oração com conjunção na posição pré-verbal (ordem: *conjunção* + *verbo* + *sujeito*)

Neste grupo inserem-se 8 dos 38 dados do *corpus* deste trabalho.

- (xxvii) (...)e naõ nos entregarmos a remedios, **como** *ensinaõ* os Sabios de outros Paizes. 4
- (xxviii) A Imprensa he o alto pelourinho, **como** *lhe chama* o Abbade de Pradt(...) 11
- (xxix) (...)exaltou-se a invençaõ de hum novo môlho para peixe, fizeraõ-se saudes, riraõ-se duas, ou tres historias insipidas, e *foraõ* todos dormir. 11
- (xxx) (...)e *formaõ* todos hum Corpo(...) 14
- (xxxix) (...)comtudo todos saõ bons, e perfeitos e *recebe* cada hum o gozo que lhe pertence. 14
- (xxxii) (...)e *possuindo* a Bahia homens de tantos Creditos literarios(...) 17
- (xxxiii) **Sobre** *ser* a Instituicaõ dos Conselhos Geraes o mais seguro Balluarte, e mais firme garantia como V. m. Diz(...) 17
- (xxxiv) Que Homilia, **como** *faziaõ* os antigos Padres da Igreja(...) 18

- Conjunçaõ: negrito - Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>
--

V. Oraçaõ com verbo “dizer” na posiçaõ pré-verbal (ordem: *verbo “dizer” + sujeito*)

Neste grupo inserem-se 4 dos 38 dados do *corpus* deste trabalho.

- (xxxv) *Diz* S. Ex. n'aquella circular - que o primeiro dever dos subditos(...) 12
- (xxxvi) Continuei no exame da questaõ, e li em Natal Alex. Theol. Dogm. e Mor. Tom. 1º pg. 98 – Art. – Comunicaçaõ dos Santos – que os Santos fazem no Ceo huã, sociedade verdadeira com Deos conforme o que *diz* o Apost. S. Joaõ Ep. 1. C. 1. 14
- (xxxvii) A Providencia, *disia* a pagina queabri quando sendo todos os homes iguaes por natureza, fez huns ricos, e outros pobres(...) 15
- (xxxviii) (...)o qual, *dizem* todos, conservou a mais escrupuloza neutralidade(...) 17

- Verbo: <i>itálico</i> - Sujeito: <u>sublinhado</u>

5. Conclusões

Neste artigo foram analisados aspectos da história do português brasileiro (PB) no Centro-Oeste, mediante a verificação dos dados linguísticos em documento do século XVIII-XIX produzido nessa região, qual seja o *Jornal Matutina Meyapontense*. Em particular, o estudo examinou a posição pós-verbal do sujeito em construções declarativas e interrogativas, com diferentes configurações verbais.

Para desenvolver a pesquisa, iniciou-se uma breve contextualização histórica da região estudada – o Centro-Oeste brasileiro –, destacando a questão do contato de línguas entre os índios, os africanos, os portugueses e os falantes da Língua Geral Paulista (LGP). Esse relato teve o intuito de fornecer evidências para a situação que configurou o isolamento linguístico da área, sendo de grande relevância para o estudo.

Em seguida, foram levantados o conceito, os requisitos, as características e a função de um *corpus*, para que, adiante, fossem apresentadas a estrutura do presente artigo e algumas informações acerca do *Jornal Matutina Meyapontense* – fonte do *corpus* deste trabalho.

Na sequência, foi explicitada a abordagem quantitativa da ordem verbo-sujeito. Os dados foram apresentados e distribuídos em 5 classes [(I) Oração com adjunto adverbial na posição pré-verbal, com quatro subclasses – (I') oração com verbo transitivo direto, (I'') oração com verbo transitivo indireto, (I''') oração com verbo inacusativo e (I'''') oração com verbo “Ser/Estar”; (II) Oração sem adjunto adverbial na posição pré-verbal; (III) Oração com pronome relativo na posição pré-verbal; (IV) Oração com conjunção na posição pré-verbal; (V) Oração com verbo “dizer” na posição pré-verbal], de acordo com a respectiva característica.

Essa divisão em classes permitiu uma análise mais nítida e objetiva do *corpus*.

Nas 17 orações com adjunto adverbial na posição pré-verbal, verificou-se que essa construção ocorria com verbos transitivos diretos, transitivos indiretos, inacusativos e de ligação (ser/estar). Além disso, constatou-se que o adjunto adverbial nessas sentenças sempre se referia a tempo ou a lugar ou à negação.

Já nas orações sem adjunto adverbial na posição pré-verbal, observou-se que entre o verbo e o sujeito não existia nenhum elemento, como aparecia, em algumas construções, nas orações com adjunto adverbial.

As orações com pronome relativo anteriores ao verbo revelaram que esse tipo de sentença era pouco recorrente, sendo que dos 38 dados de ordem VS apenas 2 foram inseridos nessa classe. Além disso, de acordo com o *corpus*, chegou-se à conclusão de que o pronome relativo em orações de ordem verbo-sujeito são sempre precedidos de preposição.

Nas orações com conjunção na posição pré-verbal, verificou-se que as conjunções com

maior ocorrência são “como” e “e”. Esse fato merece um estudo mais detalhado e aprofundado, a fim de se encontrar uma explicação para esse evento.

Em relação às orações com o verbo “dizer”, tem-se que era bastante recorrente. Além disso, assim como nas orações sem adjunto adverbial na posição pré-verbal, constatou-se que entre o verbo e o sujeito não havia nenhum elemento.

Referências bibliográficas

BORGES, Dalmo Vinícius Coelho (2008). *Construções causativas no português do centro-oeste nos séculos XVIII-XIX e no português atual*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília (DF).

CARVALHO, Adelmo de (2000). *Pirenópolis: coletânea 1727-2000, história, turismo e curiosidades*. Goiânia: Kelps.

CASTRO, Yeda Pessoa de (200?). *A influência de línguas africanas no português brasileiro*. Disponível em: <http://www.unipinhal.edu.br/biblioteca/Referencias_bibliograficas_NBR_6023_2002.pdf>. Acessado em 25 de janeiro de 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de (2001). *Falares africanos na Bahia*. Rio de Janeiro: Topbooks.

CHAIM, Marivone Matos (1974). *Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás: sua importância na política de povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Oriente.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (1994). Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *In: D.E.L.T.A*, 10 (2), 329-338.

OLIVEIRA, Flávia Medianeira de (2003). *A configuração textual da seção de metodologia em artigos acadêmicos de linguística aplicada*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Maria (RS).

PALACIN, Luiz (1972). *Goiás, estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1994). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1996). As línguas gerais sul-americanas. *In: PAPIA – Revista de Crioulos de Base Ibérica*. Brasília, v.4, p.6-18.

SARDINHA, Tony Berber (2000). Linguística de Corpus: histórico e problemática. *In: DELTA*. São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 de janeiro de 2011.

ANEXO I

